

Uma grande

mulherzinha

Por Karen Rodrigues

Versatilidade cultural em pessoa. Assim, pode-se definir a cantora, compositora, cronista, relações públicas e dubladora de personagem infantil, Fernanda Takai. A vocalista da banda Pato Fu lançou em 2007 seu primeiro disco solo "Onde Brilhem os Olhos Seus", no qual todo repertório é dedicado à musa da Bossa Nova, Nara Leão. No último dia 14, a cidade mineira onde Fernanda cresceu, Nova Lima, foi palco da gravação do seu primeiro DVD, baseado nesta nova obra.

Com a nova fase, a cantora tem obtido ótima repercussão, que nem ela mesma esperava. O álbum foi eleito como o melhor disco de MPB em 2007, pela Associação Paulista de Críticos de Arte, e tem sido licenciado para outros países como Portugal, Japão e Espanha.

No entanto, os fãs do Pato Fu não precisam se preocupar. A banda, que este ano completa 17 anos, continua e se prepara para entrar em estúdio no meio do ano e gravar seu décimo álbum.

Num bate-papo descontraído, a mulherzinha que não se subestima conta à Folha Universitária um pouco sobre sua carreira.

Folha Universitária - Por que em seu disco solo você optou pelas músicas da Nara Leão?

Fernanda Takai - A idéia inicial de fazer um disco dedicado à Nara foi do Nelson Motta. E quem fez a produção foi o John (Ulhoa), no nosso estúdio. Quando o Nelson me convidou para fazer um disco dedicado à Nara, ele não sabia que eu a ouvia muito. Ele achava que tinha alguma coisa a ver, mas ele não sabia que eu era fã, que tinha os discos dela. Foi por intuição mesmo. A gente começou a conversar no final de 2006. E, este ano, são 20 anos da morte da Nara. Então quando a gente começou a fazer, já sabia que viria este aniversário de 20 anos e embora seja muito conhecida, uma cantora importante, tem uma geração toda que não a conhece direito. Só sabe o fato de que ela foi

musa da Bossa Nova, mas não conhece mais nada da história dela.

F.U. - E foi difícil pra você adaptar seu estilo às músicas da MPB?

F.T. - Se eu tivesse feito arranjos tradicionais, ouvido as músicas da Nara e feito versões parecidas, talvez eu tivesse mais dificuldades. Primeiro porque a comparação com ela ia ser o tempo todo. E como a gente fez arranjos pop para clássicos da MPB, então eu me vi de volta no meu próprio universo, que é o universo do Pato Fu. Embora a matéria-prima seja MPB clássico, eu cantei exatamente como

eu cantaria num disco novo do Pato Fu. Usando minha experiência como cantora pop. Até porque eu não conseguiria concorrer com outras cantoras de raiz, de MPB. Ia soar como uma imitação do que elas já fazem. E foi a grande história deste disco. Ter unificado nos shows, pessoas de universos totalmente dife-

rentes. Tem os fãs do Pato Fu e os fãs da Nara que nunca tinham ouvido a minha voz com atenção. Aos 16 anos de carreira isso é o mais legal.

F.U. - O disco foi eleito pela Associação Paulista de Críticos de Arte, como o melhor disco de MPB de 2007, foi isso?

F.T. - É. Este disco foi bastante premiado. Foi finalista de vários prêmios. E recentemente tem sido licenciado para outros países e tem tido críticas muito boas. Ele sai em Portugal, Argentina, Japão, China, na Espanha e teve uma cobertura boa na Itália. Quer dizer, é um disco que tem uma vida mais longa do que um disco do Pato Fu, eu acho. Nste universo pop, ele é substituído mais rápido. Sempre tem outra banda lançando rapidinho. Então os discos têm uma vida mais curta. E este disco por ter um repertório tão atemporal, ele vai durando mais. Vai se desdobrando. E é bom trabalhar assim também.

F.U. - Já tinha planos de fazer uma carreira solo?

F.T. - Eu não tinha planos. Meus planos de carreira solo eram assim: eu achava que quando a banda acabasse eu ia arrumar outra coisa para fazer. O convite do Nelson veio mais como uma oportunidade, do que uma necessidade. Ele jogou uma idéia ao vento e eu achei uma idéia boa e a minha condição para ter feito este disco foi a de não ter parado o Pato Fu. Então quando o meu disco saiu, o Pato Fu tinha lançado o Daqui pro Futuro, que é o nono disco da banda, fazia três meses. (...). Uma coisa que era clara pra mim é que eu só ia lançar quando eu quisesse. Foi um disco feito bem devagar, desprezioso nesse sentido. A gente foi se surpreendendo com o tamanho que ele ficou. Eu não achei que ele ia repercutir tanto assim. Achei que ia ser um disco que ia sair, as pessoas iam comentar e que eu ia retomar normalmente a minha atividade principal que é o Pato Fu. Ele ocupa muito mais espaço na minha vida do que eu pensava (risos). E foi muito bom. Reconheço que foi uma ótima fase na minha carreira. Aí sim,



Foto: Fabiana Figueredo

F.U. - Então o Pato Fu continua?

F.T. - Continua. A gente vai entrar em estúdio no meio do ano. (...). Todo mundo faz um trabalho paralelo na banda. Eu é que nunca tinha feito. Eu sempre fui dedicação exclusiva, meio que por achar que ia prejudicar o grupo. Mas como isso não aconteceu, fico mais tranquila. O Pato Fu este ano faz 17 anos e vai fazer o décimo álbum. Quer dizer, é uma carreira bem consistente, bem longa já.

F.U. - Você tem planos de fazer outros discos solos, interpretando outros artistas?

F.T. - Não. É um tipo de coisa que eu não quero pra mim artisticamente. É meio continuação de cinema, tipo Tubarão I, II e III. Não me move fazer. No show toco músicas da Nara, Roberto Carlos, Michael Jackson, mas coisas da minha memória musical. Como artista, eu não gosto muito de repetir esse tipo de fórmula (...). Fica faltando uma satisfação com a idéia nova, então não é o que eu quero fazer sempre. Lançar um segundo disco solo, mas com um repertório diferente, talvez das minhas músicas que o Pato Fu não grava.

F.U. - A pirataria é um problema que artistas e produtoras têm enfrentado. Vocês pensaram em algo para o lançamento desse DVD e até mesmo desse novo disco com o Pato Fu?

F.T. - O último disco do Pato Fu já veio embalado por esse "ser" que é a pirataria. A vida digital que faz com que tudo fique mais compartilhável tem o lado bom também. Eu acho ótimo quando lanço uma música no meu site ou um vídeo e uma pessoa lá na China está vendo também. Essa simultaneidade é bom, essa vida moderna. O disco do Pato Fu mais recente foi lançado em 2007. A gente fez um lançamento online e um disco bem barato, cada faixa por R\$ 0,99 e o disco inteiro a R\$ 9,90. Mesmo assim, quem vai comprar o CD a R\$ 2 e 3 reais vai continuar comprando, porque não consigo vender um álbum nesse preço. Tenho que pagar a minha conta com a produção (...). A conta do mundo do entretenimento tem se fechado mais na conta dos espetáculos, que é de onde vem a receita bruta da sobrevivência de todos os artistas. (...). Tem que continuar fazendo, é o que a gente sabe fazer. Não dá pra desistir (...). Então nesse ponto a Internet ajuda. As pessoas sabem o que você está fazendo, o que está produzindo e que tem material novo no mercado.

F.U. - Como foi seu início na música?

F.T. - Primeiro que eu não pensava em viver disso profissionalmente. Não me via como cantora profissional. Eu gostava de música, sempre gostei de ter meus discos, tocar violão desde os nove anos, mas sou formada em Comunicação, em Relações Públicas. Trabalhei na área há três anos. Tinha um escritório de Design e Relações Públicas em Belo Horizonte. E meu escritório estava indo muito bem. E foi uma coisa meio difícil para eu deixar. Tive o apoio tanto dos meus sócios, quanto dos meus pais. Eu gosto muito dessa área. Eu tirei uma licença de seis meses e nunca mais voltei (risos). Vejo claramente que a minha formação e o tempo que passei na universidade me ajudou muito profissionalmente (...). Isso me ajuda, eu gosto de escrever, de ler e, com certeza, não foi em vão. O fato de eu viver de música quase 17 anos é uma grande surpresa. O Pato Fu não foi a minha primeira banda. Tive uma banda de colégio, depois de faculdade (...).

F.U. - Logo no início da banda, ela entrou na lista das 10 melhores bandas do mundo pela revista Time, não foi?

F.T. - A Time, em 2001, fez uma lista com as bandas mais interessantes do momento. Isso foi muito legal, porque a gente canta em português. E naquela mesma lista tinha U2, Radiohead, outras bandas que a gente adora e que cantam em inglês. Então, quer dizer que nossa mensagem musical chegou a esses jornalistas norte-americanos de uma forma inexplicável. Acho que eles tomaram contato com a gente no Rock in Rio, em 2001, e dentro dos artistas brasileiros o Pato Fu chamou a atenção deles. E aí a gente entrou nessa lista que foi uma grande surpresa.



Fernanda Takai

Acima, o disco solo "Onde Brilhem os Olhos Seus". Abaixo, a atual formação do grupo Pato Fu



"Eu não tinha planos. Meus planos de carreira solo eram assim: eu achava que quando a banda acabasse eu ia arrumar outra coisa para fazer"



Fotos: Arquivo pessoal

F.U. - Além desse seu lado musical, você tem um livro publicado e também escreve para alguns jornais?

F.T. - Todas as sextas-feiras no jornal O Estado de Minas e quinzenalmente no Correio Brasiliense eu tenho uma coluna de meia página. Eu escrevo contos e crônicas há quatro anos. Quem consegue ler esses textos é quem mora nesses lugares ou é assinante dos jornais, porque o conteúdo não é livre. E muita gente me perguntava sobre o que eu escrevo e aí saiu essa compilação da Panda Books. Na época que saiu essa compilação já fazia dois anos que eu estava escrevendo. Agora já tem muito mais.

F.U. - É o Nunca subestime uma mulherzinha, né? Por que esse título?

F.T. - Eu acho que eu escrevi esse livro pra mim mesmo (risos). Pra falar pra eu mesma não me subestimar. Acho que todo mundo tem uma época que se subestima um pouco. Acho que até o fato de ter feito um disco solo e ter afastado esse negócio de pensar que eu tinha que ser só a cantora da banda. É um pouco disso, nunca subestime uma mulherzinha. Quando me convidaram pra escrever no jornal falei: ah, não vou conseguir escrever toda semana, imagina. Eu viajo,

faço turnê. Eu estou casada há muito tempo e demorei muito para resolver ter minha primeira filha, porque achava que ia atrapalhar a banda. Que não ia conseguir ser mãe, dona de casa e cantora. E quando minha filha nasceu em 2003, em 2005 comecei a escrever para o jornal. Em 2007 lancei o livro e o disco. Eu falei: gente, eu consigo fazer um monte de outras coisas ao mesmo tempo e direitinho, com disciplina. Então eu acho que a gente não pode se subestimar e não subestimar essas mulheres que estão mais perto da gente. O melhor exemplo é a nossa mãe, porque ela está tão próxima que você esquece de todos os valores dela (...). Eu escrevi pra isso. Pra lembrar que todo mundo tem muita coisa que pode fazer e acha que não consegue e é só acreditar um pouquinho mais, que vai em frente.

F.U. - Você participou de um filme da Ilha Rá Tim Bum? Como foi essa experiência? Como surgiu a oportunidade?

F.T. - Eu dublei um bonequinho. Nossa, foi muito legal. Eu sempre gostei da programação infantil, principalmente da TV Cultura (...). Quando eles foram fazer o Ilha Rá Tim Bum, um dos diretores fã do Pato Fu, me ouvindo falar em entrevista em programas de TV, disse: nossa, ela tem uma voz boa para dublar um bicho (risos) e me convidou para fazer um passarinho que chamava Tim, falava bem agudinho. E eu aceitei rapidinho. Esse é o tipo de convite que eu não pergunto nem para o meu empresário, nem olho na agenda, falo: quero fazer. E foi bem assim que aconteceu (...). É um universo que eu gosto bastante.

Veja a entrevista com a Fernanda Takai na íntegra no site da Folha Universitária - www.uniban.br/folha